



## INTER-RELAÇÕES TECNOLÓGICAS ENTRE BRASIL E ÁFRICA OCIDENTAL

**Juliana Prestes Ribeiro de Faria\***  
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP  
[juliana.prestes.faria@hotmail.com](mailto:juliana.prestes.faria@hotmail.com)

**Marco Antônio Penido Rezende\*\***  
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG  
[marco.penido.rezende@hotmail.com](mailto:marco.penido.rezende@hotmail.com)

**RESUMO:** O presente artigo trata das relações arquitetônicas e tecnológicas que se teceram entre o Brasil e a África Ocidental no âmbito da arquitetura de terra, considerando-se que estes foram resultado do nosso processo de colonização. Desta forma procedeu-se com uma releitura do passado através da comparação entre as descrições dos viajantes e a iconografia pertinente, que nos permitiu identificar materiais, técnicas e elementos arquitetônicos semelhantes dos dois lados do Atlântico, e assim inferir a existência de inter-relações tecnológicas entre o Brasil e a África Ocidental.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura de viagem – História da Técnica – Relações entre Brasil e África Ocidental

## TECHNOLOGICAL INTERRELATIONSHIPS BETWEEN BRAZIL AND WEST AFRICA

**ABSTRACT:** This paper discusses the architectural and technological relationships occurred between Brazil and West Africa within the earth architecture, considering that these were the result of our colonization process. Therefore we proceeded with a reinterpretation of the past, comparing the descriptions of travelers and relevant iconography, which allowed us to identify materials, techniques and architectural elements similar on both sides of the Atlantic, and consequently infer the existence of technological interrelationships between Brazil and West Africa.

**KEYWORDS:** Travel Literature – Technique History – Relations between Brazil and West Africa

---

\* Doutoranda em Arquitetura, Tecnologia e Cidade pela Faculdade de Arquitetura da UNICAMP. Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável pela Escola de Arquitetura da UFMG. Professora do Instituto Politécnico de Londrina.

\*\* Pós-Doutorado Programa Preservação Histórica, Universidade de Oregon, EUA. Doutor em Construção Civil pela Politécnica/USP. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG. Professor Adjunto Escola de Arquitetura da UFMG.

## INTRODUÇÃO

Ao focarmos as sociedades africanas encontramos algumas especificidades constituintes de sua cultura construtiva. A arquitetura vernácula africana se apoia exclusivamente na tradição oral e prática, assim como todas as suas demais manifestações culturais. Os povos africanos, tanto no Saara quanto ao sul do mesmo, eram em grande parte civilizações baseadas na palavra falada, mesmo na África Ocidental onde já existia a escrita, a partir do século XVI, poucas pessoas sabiam escrever e este ato ficava relegado a um plano secundário.<sup>1</sup>

Nas sociedades orais, a fala significa um meio de comunicação e uma forma de se preservar a sabedoria ancestral através do testemunho verbal. A transmissão oral inclui máximas e fórmulas de aprendizagem por memorização enquanto a transmissão não verbal envolve demonstração, mimetismo e prática em estágios, sendo as duas partes constituintes do ensino e transmissão dos saberes e fazeres construtivos na África.<sup>2</sup> Como exemplo, tem-se que até hoje no Mali, a construção de adobe faz parte do saber local, que se procura perpetuar colocando as crianças em contato com os adobeiros e os mestres de construção como uma forma simples de aprender e respeitar o saber empírico. Também podemos citar a manutenção realizada anualmente nas mesquitas de Tombouctou e de Djenné,<sup>3</sup> na qual se reúne e participa parte da população local.

Esta priorização da comunicação oral em detrimento da escrita fez com que a história da África fosse registrada e contada por outros povos, que imprimiram assim a sua visão e opinião diante de uma cultura tão distinta da sua.<sup>4</sup> Resta-nos recorrermos a estas evidências transcritas nos relatos de viagem a fim de identificarmos as técnicas

---

<sup>1</sup> VANSINA, Jan. **Oral tradition**. A study in Historical Methodology. London: Routledge & Kegan Paul, 1965.

<sup>2</sup> OLIVER, Paul. **Built to Meet Needs: Cultural Issues in Vernacular Architecture**. Itália: Architectural, 2006.

<sup>3</sup> Especificamente, no caso da Grande Mesquita, cada membro da população de Djenné, em uma data predeterminada, se responsabiliza pela manutenção da edificação, distribuindo tarefas – coleta, preparação e aplicação da matéria-prima requerida – segundo idades e sexos. Em certo sentido se convertem em uma grande comunidade de artesãos que aplicam coletivamente conhecimentos e habilidades que desenvolveram na manutenção de suas próprias habitações em uma cidade que tem o barro como material construtivo exclusivo.

<sup>4</sup> MALOWIST, M. A luta pelo comércio internacional e suas implicações para a África. In: OGOT, Alan Bethwell. (Org.). **História Geral da África, V: África do século XVI ao XVIII**. UNESCO / Brasília: Secad/MEC / UFSCAR, 2010.

construtivas que eram utilizadas pelos povos da África Ocidental no século XVIII e XIX e que vieram com estes homens como uma bagagem técnica que será sempre resgatada quando for necessário construir sua moradia em solo brasileiro. É importante esclarecer que não existem outros registros documentais sobre as técnicas construtivas africanas vernaculares no século XVIII e XIX, sendo as literaturas de viagem o único registro. Além disso, coloca-se que o trabalho dos artesãos, suas práticas construtivas tradicionais e seus rituais, no âmbito da arquitetura de terra, são específicas a cada local, pois a terra varia em todas as regiões do mundo, sendo possível apenas adaptar os saberes e fazeres a outras condições.

Dentro desta lógica buscamos entender o “comportamento técnico” das sociedades africanas que foram retiradas de seu território e enviadas ao Brasil. Os relatos de viagem e a iconografia permitiram a identificação das técnicas construtivas que eram conhecidas pelos escravos na África e aquelas que foram utilizadas na construção de suas moradias no Brasil, dentro de um mesmo período histórico. A comparação entre as tradições construtivas dos povos da África Ocidental, em seu território de origem e posteriormente em seu novo lar foi realizada, a princípio, nas descrições de Richard Francis Burton que esteve visitando a África e alguns anos depois o Brasil, e posteriormente nas transcrições de outros viajantes.

## UNIVERSOS TÉCNICOS NA ÁFRICA OCIDENTAL E NO BRASIL

Sem dúvida alguma, as explorações de Richard Francis Burton a África Ocidental e alguns anos depois ao Brasil, e especificamente a Minas Gerais, fazem dos diários de viagem deste inglês a principal fonte para o desenvolvimento desta pesquisa. Com relação às viagens a África Ocidental, foram selecionados os relatos de sua visita ao reino de Daomé descrito no livro **A Mission to Gelele, King of Dahome** e sua expedição a Abeokuta transcrita no primeiro volume de **Abeokuta and the Camaroons Mountains**. Como fontes suplementares têm-se as descrições da viagem de Francis Moore pelo rio Gâmbia em 1738, os textos da viagem do padre Vicente Ferreira Pires ao reino de Daomé escrita em 1800, e por fim os diários de Frederick Forbes, oficial da marinha britânica que em 1849 realizou duas missões para a corte do rei de Daomé.

A primeira viagem de Burton como cônsul pela África Ocidental iniciou-se em setembro de 1861 à cidade de Abeokuta, sendo que alguns anos depois, precisamente

em 1863, Burton recebeu a indicação para uma missão diplomática em Daomé. Esta ordem foi muito bem recebida pelo viajante que nutria certa curiosidade pessoal acerca de um estado que era conhecido por sua selvageria e poder no interior da África. Entretanto, os objetivos diplomáticos de Burton para com Daomé e seu rei Gelele eram:

[...] Informar a Gelele que a Inglaterra estava fazendo o máximo para acabar com o tráfico de escravos; fazer o possível para diminuir o número de sacrifícios humanos; enfatizar que se o rei quiser mercadores ingleses em Whydah ele deverá incentivar o comércio lícito de óleo de palma; entregar os presentes encomendados por Gelele a Wilmot no ano anterior; e pedir a liberação de alguns prisioneiros cristãos que estavam em Daomé.<sup>5</sup>

Nota-se que a relação de Daomé com a Inglaterra era um tanto enfadonha, já que o nível de interferência que os ingleses queriam impor sobre este reino gerou inúmeras resistências por parte de Daomé. Versando sobre este tema, Burton inicia a narrativa do livro em Fernando Pó, sede de seu consulado, segue para Lagos, então colônia inglesa, e posteriormente para a cidade de Whydah,<sup>6</sup> roteiro este percorrido em sua viagem. Os próximos capítulos descrevem a chegada de Burton a Allada e Agrime, sendo que o restante do relato de viagem se atém as exaustivas descrições da cultura daometana, que ocupa mais da metade dos dois volumes.

Whydah, um dos principais portos da costa ocidental, era caracterizado como uma comunidade “atravessadora”, tendo em vista que esta era uma cidade ioruba na qual os traficantes de escravos já estavam firmemente estabelecidos desde o século XVIII.<sup>7</sup> Também é importante referenciar “o papel de tais comunidades costeiras como intermediárias na transmissão de influências culturais, e, a longo prazo na mediação da acomodação de sociedades africanas para a dominação econômica e política europeia”.<sup>8</sup> Mas esta cidade portuária só viria a ganhar importância com o domínio daometano sobre a mesma, que ocorreu como consequência da expansão desta economia para a exportação atlântica de escravos, vindo a exigir deste Estado uma saída para o mar, que seria concretizado com a anexação da cidade de Whydah (Ouidá) em 1727.

<sup>5</sup> GEBARA, Alexsander Lemos de Almeida. **A África presente no discurso de Richard Francis Burton: uma análise da construção de suas representações**. 2007. 233 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, f. 189.

<sup>6</sup> Whydah, Ouidah, Ajudá, todas se referem à mesma localidade.

<sup>7</sup> LAW, Robin. **Ouidah: the social history of a West african slaving port, 1727-1892**. Great Britain: Woolnough, 2004.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 6. (Tradução nossa)

Ao longe, Whydah surge na paisagem visualizada por Burton<sup>9</sup> como uma cidade separada da costa por um amplo pântano verde, por uma estreita lagoa e por um alto banco de areia. Para o viajante este lugar se veste de tricolor, com o azul do céu, o verde das matas e o brilho vermelho do solo argiloso, com leves traços de cinza que se caracteriza como uma argila ferruginosa (que ele já havia visto na Índia e China). Mas ao adentrar a Whydah a descrição muda de caráter, pois para ele “a cidade não é excessivamente insalubre, apesar de ser extremamente suja, e apesar dos grandes buracos de onde o material de construção vinha sendo extraído, assim como em Abeokuta e Sokoto”.<sup>10</sup>

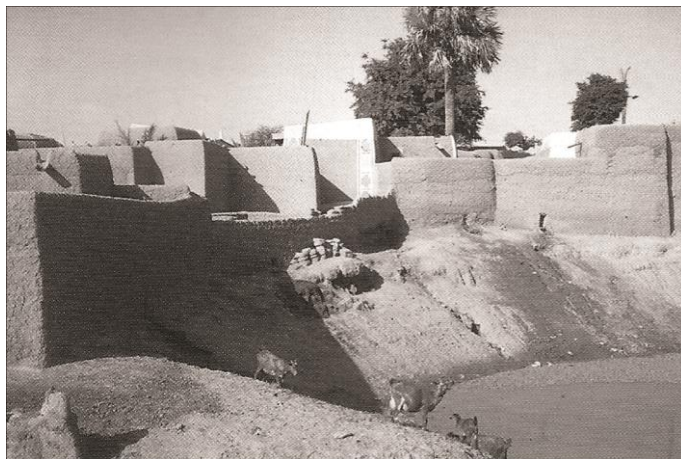
A mesma descrição é encontrada em outros relatos de viagem e em distintas cidades da África Ocidental, onde invariavelmente os buracos na terra, produto da escavação do solo para seu emprego nas técnicas de construção em terra crua das moradias urbanas, faziam parte da paisagem (**Borrow pits**. Áreas destinadas à obtenção de solo desértico para construção de casas). Esta prática tradicional se refere à primeira etapa de execução, em que o material era retirado de vários pontos do terreno. A identificação da terra apropriada para a construção era determinada, antigamente, através do tato e da observação visual, avaliando-se a cor, textura e odor do solo.<sup>11</sup> Os antigos construtores já sabiam que o conhecimento do material (solos) era fundamental, já que nem todos os solos são adequados à construção e a sua escolha impactava diretamente sobre a durabilidade destas estruturas.

---

<sup>9</sup> BURTON, Francis Richard. **A mission to Gelele, King of Dahome**. Londres: Tinsley Brothers, 1864. 2 v.

<sup>10</sup> Ibid., p. 58; 59. (Tradução nossa)

<sup>11</sup> Genericamente, pode-se colocar que a terra com predominância das cores vermelha, castanho ou amarelo-claro são adequadas para a utilização em técnicas de construção. Com relação ao odor, aquelas que tenham cheiro de matéria orgânica não são apropriadas à construção. A textura dos solos pode avaliar de forma genérica, a predominância de grãos (pedregulhos, areias, siltes e argilas) em relação aos outros. Ver: LENGEN, Johan Van. **Manual do arquiteto descalço**. São Paulo / Rio de Janeiro: Empório do livro / Tiba, 2008.



**Borrow pits.** Áreas destinadas à obtenção de solo desértico para construção de casas. Kano, norte da Nigéria.<sup>12</sup>

Dentro da lógica imperialista, era importante que os viajantes recolhessem o maior número de informações sobre a geografia e a geologia dos locais visitados, por isso no texto de Burton são descritos os solos por ele identificados em Whydah e algumas características dos mesmos, que ele cita, “o solo quando molhado, transformado em pasta, e exposto ao sol, se torna duro como um tijolo, o que poderia ser feito, mas não é realizado”.<sup>13</sup> Com isso, o autor nos revela que provavelmente a técnica construtiva do adobe, não era utilizada em Whydah.

Mas é nas páginas seguintes do livro, quando Burton convida os leitores a um passeio pela cidade de Whydah descrevendo seus principais locais, que o autor revelará a técnica construtiva predominantemente utilizada nesta localidade africana. Iniciando o percurso pelo sudeste da cidade, o viajante descreve um espaço que faz parte de todas as vilas daometanas, a guarita.<sup>14</sup> Seguindo por esta, Burton visualiza uma multidão de pequenas cabanas fetiche, que estão dispostas em “ruas que são apenas continuações dos caminhos que se estendem pelos matos [...] estes não são ruins para a caminhada,

<sup>12</sup> OLIVER, Paul. **Built to Meet Needs: Cultural Issues in Vernacular Architecture**. Itália: Architectural, 2006, p. 132.

<sup>13</sup> BURTON, Francis Richard. **A mission to Gelele, King of Dahome**. Londres: Tinsley Brothers, 1864, p. 59. 2 v. (Tradução nossa)

<sup>14</sup> As guaritas são espaços concebidos como um caramanchão e posicionado na entrada do assentamento, sendo utilizado para o descanso dos adultos e a supervisão da circulação de entrada e saída do “compound”. Esta estrutura foi identificada em diversos quilombos que se constituíram em Minas Gerais no século XVII e XVIII. Ver: FARIA, Juliana Prestes Ribeiro de. **Influência Africana na Arquitetura de Terra em Minas Gerais**. 2011. 160 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.



com exceção da estação chuvosa”.<sup>15</sup> Para o viajante, Whydah se constitui das paredes dos compounds e dos fundos das casas, que são construídas de maneira uniforme, sendo a técnica descrita como:

O material é o pisé vermelho da Bretanha e Sind<sup>16</sup> amontoados em três ou quatro camadas, mas por lei não mais; cada camada é de um pé e meio por dois pés de altura: o material não contém nem palha nem pedra, mas as vezes, o pó de concha é usado para reforçar. Cada camada é coberta durante a ereção com uma cobertura de sape, e é deixada para secar, por três dias no vento Harmattan<sup>17</sup>, e por dez nas estações úmidas: este endurece e fica na consistência de um arenito, e é, de fato, o nacional adobe.<sup>18</sup>

O método construtivo referenciado é o da taipa de pilão, “pisé vermelho da Bretanha”, o que nos causa certo estranhamento já que segundo Fernandes<sup>19</sup> com exceção do norte da África, “a taipa é uma técnica secundária, por vezes resultante de processos de colonização de que são exemplo alguns sistemas defensivos dos séculos XVI e XVII”. Pode-se especular que a presença mais expressiva desta técnica em Whydah (Ouidah) esteja correlacionada à forte presença dos colonizadores portugueses, que tinham esta técnica como característica, sobretudo de todo o sul de seu país. Outro ponto curioso desta citação, é a relação de comparação que Burton faz entre a descrição da taipa de pilão e o adobe, o que nos leva a entender que o emprego desta técnica nas construções de Whydah se compara a significativa utilização do adobe em terras africanas.

Burton também descreve a utilização da cal (pó de concha) obtida da quebra e queima de conchas ou corais, que era adicionada à mistura com o objetivo de reforçar o material. Contemporaneamente, podemos explicar que os efeitos desta antiga prática estavam ligados a ocorrência de uma reação exotérmica de hidratação, capaz de reduzir a quantidade de água da mistura e, assim, aumentar a resistência à compressão da estrutura ao longo do tempo. Este fato vem apenas demonstrar que estes povos detinham

---

<sup>15</sup> BURTON, Francis Richard. **A mission to Gelele, King of Dahome**. Londres: Tinsley Brothers, 1864, p. 65. 2 v. (Tradução nossa)

<sup>16</sup> O termo Sindh se refere a uma província do atual Paquistão que foi visitado por Burton em 1842.

<sup>17</sup> O Harmattan é um vento seco que sopra do sul do Saara para o Golfo da Guiné, entre o final de novembro e meados de março.

<sup>18</sup> BURTON, 1864, op. cit., p. 65. (Tradução nossa)

<sup>19</sup> FERNANDES, Maria. **A Taipa no Mundo. Seminário de Construção e Recuperação de Edifícios em Taipa**, 2008, Almodóvar Disponível em: [www.esg.pt/6atp/docs/Exemplo\\_de\\_artigo\\_Portugues.doc](http://www.esg.pt/6atp/docs/Exemplo_de_artigo_Portugues.doc). Acesso em: 18 maio 2011.

amplo conhecimento da terra como material de construção, tanto das suas características e potencialidades como das suas restrições.

Frederick E. Forbes<sup>20</sup> que esteve em Whydah alguns anos antes de Burton apresenta em seu relato uma técnica construtiva distinta daquela referendada pelo seu sucessor de viagem. Recebido em Whydah pelo comandante inglês, Mark Lemon<sup>21</sup> que, segundo Forbes, era considerado por todos um homem rico tendo em vista que este era proprietário de dez escravos, de um grande terreno com uma casa de “homem branco” e plantações. Sobre a casa que seria construída para seu abrigo, o autor faz o seguinte comentário:

Desta propriedade ele corta a madeira e os escravos talham esta; em seguida eles escavam a argila, e fazem o que é chamado de “swish”, que é misturar a argila vermelha com água e palha para tornar essa mais adesiva: e disso todas as casas de Whydah são construídas. Então eles começam a trabalhar e a construir a casa, trinta pés de altura, oitenta de comprimento e quarenta de largura; tendo isso em três principais e quatro pequenos cômodos, além de duas varandas. Eles depois cortam o mato seco, e fazem a cobertura; então procuram as ostras na lagoa, e com as conchas caíam a construção.<sup>22</sup>

A análise comparativa da citação de Burton e de Forbes nos leva a algumas reflexões. Ambos os viajantes identificaram técnicas construtivas que seriam predominantes em Whydah, sendo que para Burton esta seria o pisé, e para Forbes seria uma técnica denominada swish.<sup>23</sup> As descrições das técnicas feitas pelos viajantes são muito parecidas, pois estas são executadas de forma similar, em camadas de altura e largura aproximadas que devem estar secas antes que se proceda com as camadas subsequentes. Juntamos a isso o fato de que, como já citado anteriormente, o pisé era uma técnica secundária na África, o swish por sua vez era amplamente utilizado nesta região. Desta maneira argumentamos que Burton ao descrever a técnica swish tenha identificado similaridades com o pisé, e atribuído a esta uma denominação errônea, em função até do seu *hall* de conhecimento técnico.

---

<sup>20</sup> FORBES, Frederick E. **Dahomey and the Dahomans**. Being the Journals of Two Missions to the King of Dahomey, and Residence at His Capital, in the Year 1849 and 1850. Longman, Brown, Green, e Longmans, Londres, Inglaterra. 1851.

<sup>21</sup> Mark Lemon é chamado de Madiki pelos africanos que não consegue pronunciar o seu nome corretamente.

<sup>22</sup> FORBES, 1851, op. cit., p. 129. (Tradução nossa)

<sup>23</sup> Swish; vara flexível; técnica variante do pau-a-pique.



Também aparece nesta citação a técnica da caiação, ou seja, a pintura a base de cal, que além de sua função estética esta era usada como uma camada protetora, cuja aplicação se dava em várias demãos de forma cruzada até a obtenção do recobrimento desejado. Esta camada servia de proteção contra a erosão causada pelas chuvas, assim como um consolidante do próprio reboco ou da própria técnica em terra crua, quando esta era aplicada diretamente. As origens desta prática construtiva não podem ser atribuídas exclusivamente a europeus ou africanos. Segundo Mark<sup>24</sup> na África Ocidental, alguns povos Mande caiavam suas construções em período anterior ao século XVI, e além destas também foram identificadas diversos tipos de pintura a cal cujo uso estava baseado em valores simbólicos. Entretanto encontramos esta mesma prática nas casas dos colonos portugueses por toda a costa ocidental africana no século XVII, que foi trazida pelos mesmos, pois na região do Algarve ao sul de Portugal, há predominância de fachadas caiadas.

A preciosidade das literaturas de viagem se pautam na liberdade temática observada em todas elas, pois, por se tratarem de relatos de experiências vividas, essas obras contêm diversos tipos de informação. Nos relatos da primeira viagem de Burton à África Ocidental, transcrita no volume **Abeokuta and the Camaroons Mountains**, essa característica fica evidente, pois são abordados detalhadamente os aspectos geográficos, políticos e sociais dos africanos. Transparecem também os valores pessoais e opiniões de Burton, principalmente com relação à inferioridade intelectual e moral dos negros que resultavam em diferenças intransponíveis com relação aos europeus, já que na sua concepção o negro era um “selvagem” e difícil de “civilizar”. Mas antes de analisarmos os relatos técnicos desta obra, cabe-nos contextualizarmos a história das cidades visitadas por Burton nesta expedição, Lagos e Abeokuta, e conseqüentemente as relações existentes entre Inglaterra e África Ocidental neste período. Diferentemente de Daomé, a história da cidade de Abeokuta, inicia-se mais recentemente, no ano de 1830, como resultado da dissolução do Império Oyo na década anterior e que teve conseqüências sobre toda a região Ioruba.<sup>25</sup> As populações Egba, subgrupo dos iorubas, formavam a maior parte do contingente presente na fundação de Abeokuta. Esta era

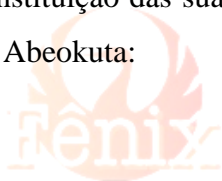
---

<sup>24</sup> MARK, Peter. **“Portuguese” style and luso-african identity**. Bloomington: Indiana University press, 2002.

<sup>25</sup> ALAGOA, E. J. Do delta do Níger aos Camarões: os fon e os iorubas. In: OGOT, Alan Bethwell. (Org.). **História Geral da África, V: África do século XVI ao XVIII**. UNESCO / Brasília: Secad/MEC / UFSCAR, 2010.

uma cidade bastante populosa e forte, que teve grande interferência inglesa, ainda que de forma indireta, a partir de meados da década de 1840. Pouco tempo depois, a partir de 1852, os ingleses que tanto desejavam acabar com o comércio de escravos, resolvem se apoiar na concepção dos missionários e filantrópicos, que argumentavam sobre o aumento do comércio lícito como uma forma de diminuir o comércio ilícito e aumentar o fluxo comercial através de Lagos, que era considerado o “porto de Abeokuta”. A constante ajuda inglesa para consolidar esta cidade com maior poder no interior, próximo à costa de Lagos, promoveu entre elas uma dinâmica de relativa cooperação. Aqui, fica claro que a relação de Daomé com a Inglaterra era diferente daquela existente entre esta última e Abeokuta, o que irá impactar diretamente nos relatos de viagem de Burton.

A perspectiva de realizar um mergulho nas imagens vistas pelos olhos de Burton e descritas em seus relatos oferece uma relativa definição da identidade africana através de inúmeros aspectos, dentre eles a moradia destes povos e a formação e constituição das suas cidades. O viajante sintetiza o que seria a sua primeira impressão de Abeokuta:



As ruas são tão estreitas e irregulares como as de Lagos, interceptando cada uma em todos os ângulos possíveis [...]. As casas são feitas de barro socado (pisado) – os tijolos de adobe de Futa e Nupe são aqui desconhecidos [...] – cobertas com altos e flutuantes telhados de sape, que queimam com uma velocidade exemplar.<sup>26</sup>

O que chama a atenção nesta citação é o fato de que o autor não reconhece a técnica construtiva que era utilizada na construção das casas em Abeokuta, uma vez que a denominação “barro socado” pode se referir a várias técnicas. Entretanto, podemos afirmar que a técnica visualizada por Burton não seria o adobe, pois o próprio viajante atesta que esta não era utilizada nesta cidade, mas sim em “Futa e Nupe”. Os povos de língua fula (futa) que habitam a região das savanas de leste a oeste, sofreram forte influência do Islã e assim assimilaram suas práticas, em Boundou, as habitações<sup>27</sup> têm a forma quadrada, são cobertas com um telhado de palha e paredes de adobe.<sup>28</sup> Com

<sup>26</sup> BURTON, Richard Francis. **Abeokuta and the Camaroons Mountains**: an exploration. Londres: Tinsley Brothers, 1863, p. 80. V. I. (Tradução nossa)

<sup>27</sup> Os “compounds” Fula em Boundou geralmente abrigam duas ou três famílias cujas habitações estão dispostas em torno de um pátio central, construídos sobre uma baixa plataforma bem mantida de adobe. Cf. OLIVER, Paul. **Encyclopedia of vernacular architecture of the world**. New York: Cambridge University Press, 1997, p. 2127.

<sup>28</sup> Ibid.

relação à Nupe, as informações são escassas e indiretas, mas sabemos que a história ioruba se liga a Ifé e estes se ligam igualmente a Nupe e às regiões circundantes a Niger, já que existe grande semelhança entre os bronzes fundidos em Nupe e Ifé e também com relação as suas práticas construtivas.<sup>29</sup> Ainda sobre as habitações de Abeokuta, Burton coloca que:

A forma da edificação é a de um quadrado vazio sombrio, totalmente ao contrário das cabanas circulares dos Krumen e dos Kafirs. Existem cômodos dentro de cômodos para as várias subdivisões da família poligâmica. Dentro deste espaço central as várias portas, aproximadamente quatro pés de largura, abrem para uma varanda onde, chaminés são desconhecidas, o fogo é construído. Cozinhar é uma atividade realizada a céu aberto, assim como os grosseiros potes em terra dispersos sobre todo o terreno. Os cômodos, que são de dez a vinte em uma casa, são sem janelas, e propositalmente escuros, para manter fora o brilho do sol; eles variam de dez a 15 pés de comprimento, e de sete a oito em largura.<sup>30</sup>

A ausência de chaminés e janelas nas moradias dos escravos foi sempre emblematicamente citada por Burton, sendo que em algumas passagens ele relata que se cozinhasse dentro das habitações, e em outras que esta era uma atividade externa. Em sua viagem ao Camarões, passando por uma aldeia que se formava de duas linhas paralelas de cabanas, que tinham apenas uma porta, mas nenhuma janela ou chaminé, Burton explana que “O interior é dividido em três: em uma extremidade esta um cômodo escuro, que serve, eu presumo, para o pai e a mãe que formam a família; o centro é o hall; e a outra extremidade pode ser chamada de cozinha”.<sup>31</sup> Este último trecho do relato, que apresenta a divisão interna da habitação, grava grande semelhança com a moradia ioruba, pois remete a unidade familiar seccionada em três cômodos com usos análogos aos citados pelo viajante.<sup>32</sup>

---

<sup>29</sup> ALAGOA, E. J. Do delta do Níger aos Camarões: os fon e os iorubas. In: OGOT, Alan Bethwell. (Org.). **História Geral da África, V: África do século XVI ao XVIII.** UNESCO / Brasília: Secad/MEC / UFSCAR, 2010.

<sup>30</sup> BURTON, Richard Francis. **Abeokuta and the Camaroon Mountains: an exploration.** Londres: Tinsley Brothers, 1863, p. 81. V. I. (Tradução nossa)

<sup>31</sup> Id. **A mission to Gelele, King of Dahome.** Londres: Tinsley Brothers, 1864, p. 99. V. II. (Tradução nossa)

<sup>32</sup> Os tradicionais assentamentos Iorubas são formados de casas construídas no campo, que se constituem de blocos retangulares de até três apartamentos, onde cada qual tem dois cômodos de 3X3 metros.

Com relação ao ato de se cozinhar ou apenas ter o fogo dentro da cabana, Slenes<sup>33</sup> esclarece que as razões simbólicas e práticas dos escravos de origem ou descendência centro-africana, eram “além de esquentar, secar e iluminar o interior de suas moradias, afastar insetos e estender a vida útil de suas coberturas de colmo, também servia-lhes para ligar o seu lar aos lares ancestrais”. Estes povos detinham o conhecimento de que um dos problemas do uso de vegetais na cobertura era o desgaste provocado por insetos, sendo uma forma de evitar isto a circulação da fumaça da cozinha em toda a casa, de forma que o forro ficasse seco e impedindo que os insetos se alojassem.<sup>34</sup> Outro saber arquitetônico que provavelmente atravessou o Atlântico com os africanos escravizados foi aquele de que o fogo constante também provocava o enegrecimento das paredes pela fuligem, que atuava como um verniz capaz de proteger o interior da habitação dos ataques do cupim.<sup>35</sup> A respeito das técnicas em terra crua, acrescentamos que a constante exposição das paredes internas ao fogo causaria um aumento, ainda que ínfimo, da resistência e durabilidade destas estruturas.

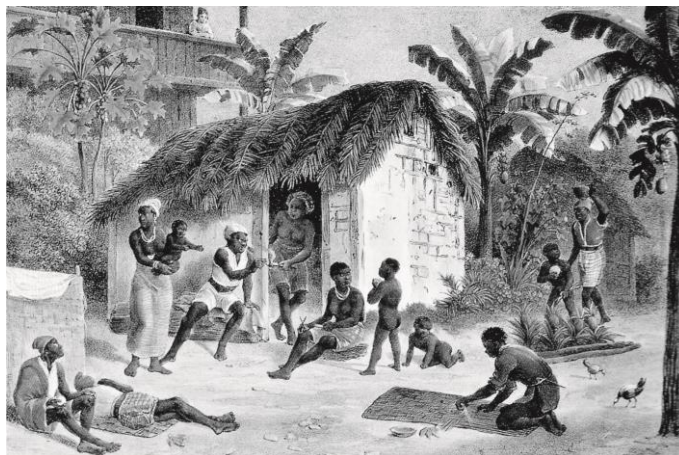
O espaço construído pelo escravo em solo brasileiro e retratado pelos artistas-viajantes, demonstra que muitas práticas mantinham padrões africanos. A litografia colorida à mão de Johann Moritz Rugendas representa o cenário da vida cotidiana na residência escrava, onde ao fundo e no alto está a casa do senhor com uma mulher à varanda que observa (*Habitação de negros, Johann Moritz Rugendas*). As crianças brincam, alguns descansam e outros tecem esteiras. Apesar de não termos a perspectiva interna da casa, podemos afirmar que dentro desta havia fogo, já que na cena uma mulher traz do interior da casa uma brasa para acender o cachimbo do homem sentado à porta. Completando este quadro da moradia escrava, colocamos que esta não tinha nem chaminé nem janelas, que sua planta era retangular, com telhado de duas águas coberto com folhas de palmeira e baixo a julgar pelo tamanho das pessoas representadas. A evidência de uma trama de madeira no desenho das paredes representa, sem dúvida, que esta era de pau a pique, com uma gaiola de madeira.

---

<sup>33</sup> SLENES, Robert W. **Na senzala, uma flor**: esperanças e recordações na formação da família escrava - Brasil Sudeste, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 252.

<sup>34</sup> LENGEN, Johan Van. **Manual do arquiteto descalço**. São Paulo/Rio de Janeiro: Empório do livro/Tiba, 2008.

<sup>35</sup> SLENES, Robert W. **Na senzala, uma flor**: esperanças e recordações na formação da família escrava - Brasil Sudeste, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.



**Habitação de negros**, Johann Moritz Rugendas, 1835<sup>36</sup>.

A “cabana” ou a “choça” habitada pelos escravos no Brasil está também representada em uma pintura de Joaquim Candido Guillobel<sup>37</sup> intitulada “Negra pobre dando a mão ao filho que leva uma cana na mão” (Negra pobre dando a mão ao filho que leva uma cana na mão –**Joaquim Candido Guillobel**). Este português nos brinda com uma gama de graciosos desenhos dos tipos populares do Rio de Janeiro, em sua maioria negros livres inseridos nos serviços urbanos que, segundo Belluzzo,<sup>38</sup> são vistos com alegria pelos seus modos peculiares e seus trajes pobres. Na cena aparece, em primeiro plano, a negra com seu filho e, aos fundos, a sua casa que segue a tradicional tipologia arquitetônica das moradias escravas: planta retangular, sem janelas, com apenas uma abertura frontal (porta), e cobertura vegetal.<sup>39</sup> Sobre a técnica construtiva utilizada, pela distância e ausência de detalhes, nada podemos aferir.

<sup>36</sup> **Biblioteca Nacional.** Disponível em: [http://bndigital.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=xs&pr=fbn\\_dig\\_pr&db=fbn\\_dig&disp=list&sort=off&ss=new&arg=habitacao+escravos&argaux=habita%C3%A7%C3%A3o+escravos&use=kw\\_livre&x=33&y=14](http://bndigital.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=xs&pr=fbn_dig_pr&db=fbn_dig&disp=list&sort=off&ss=new&arg=habitacao+escravos&argaux=habita%C3%A7%C3%A3o+escravos&use=kw_livre&x=33&y=14). Acesso em: 10 maio 2011.

<sup>37</sup> Joaquim Candido Guillobel natural de Lisboa (1787) fez sua história na pintura antes da chegada da missão Artística Francesa. Iniciou em 1823 o curso de Arquitetura Civil, que levou a área acadêmica como professor de desenho descritivo e arquitetura. Um preciso álbum deste artista com valor extraordinário para a história do Brasil relata a chegada da Corte no Rio de Janeiro. A tradicional religião, os aspectos da Corte e os tipos, usos e costumes do Brasil, incluindo os negros, africanos e crioulos, representados de maneira grotesca, devido à preocupação de fazer realçar os olhos.

<sup>38</sup> BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes**. São Paulo: Metalivros / Odebrecht, 1994. 3 v.

<sup>39</sup> A moradia escrava se resume a forma retangular sem compartimentação interna que se configura em um volume simples, a cobertura duas águas com materiais vegetais, a ausência de janelas e a presença de uma porta como entrada única e finalmente a baixa altura da edificação. Ver: FÁRIA, Juliana Prestes Ribeiro de. **Influência Africana na Arquitetura de Terra em Minas Gerais**. 2011. 160 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.





**Negra pobre dando a mão ao filho que leva uma cana na mão** – Aquarela de Joaquim Candido Guillobel, 1814.<sup>40</sup>

O mesmo pintor retrata, em outra aquarela, o interior de uma casa habitada aparentemente por uma família negra, e nos apresenta a perspectiva da vida doméstica destas famílias com seus usos e costumes (**Interior de uma casa do baixo povo** – 1820). No centro do desenho estão um homem e uma mulher que fumam cachimbo deitados cada qual em uma rede. À esquerda da cena, uma criança trabalha no pilão e uma mulher segura um bebê de colo. Ao que nos parece, a casa se resume a uma peça de planta retangular, com porta e janela, piso de terra batida e cobertura vegetal plana. As redes e a cômoda ou baú são toda a mobília da moradia que possivelmente foi construída em adobe, já que fica evidente na representação das paredes o desenho de blocos com dimensão próxima daquela utilizada na técnica. Sustenta esta afirmação o fato de que os ganchos utilizados para a colocação das redes estão fixados em peças de madeira e não na própria parede. Além disso, a proporção das figuras humanas com relação à altura da casa e ao tamanho dos blocos de adobe revela que esta era relativamente mais alta que aquelas representadas por outros pintores.

<sup>40</sup> **Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais.** Disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=artistas\\_obras&acao=mais&inicio=1&cont\\_acao=1&cd\\_verbete=2235](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_obras&acao=mais&inicio=1&cont_acao=1&cd_verbete=2235). Acesso: 10 maio 2011





**Interior de uma casa do baixo povo** – Aquarela de Joaquim Candido Guillobel, 1820.<sup>41</sup>

O adobe é uma técnica construtiva amplamente utilizada na África Ocidental desde tempos imemoriais. No entanto, segundo Prussin,<sup>42</sup> a técnica denominada “banco”<sup>43</sup> foi e continua sendo a norma para a habitação na zona rural da Savana, sendo aplicada concomitantemente com os tijolos em terra crua. Já nos centros urbanos da África Ocidental como Segou, Djenné, Timbuktu e Gao, o “banco”, assim como os tijolos esféricos moldados à mão, foram substituídos pelo adobe, pois nestas havia um predomínio da forma retangular que só poderia se desenvolver com o tijolo retangular, tendo em vista que seria conceitualmente ilógico criar uma forma de construção retangular com unidades de tijolos esféricos. Prussin esclarece a origem destas transformações:

Por outro lado, com a introdução de uma novidade, os construtores de tijolos lidam com um conceito espacial totalmente novo: o cubismo. Considerando que as formas construtivas retangulares da floresta tropical úmida podem ter resultado ou até serem ditadas pelos materiais vegetais disponíveis, as construções retangulares que aparecem com frequência nos centros urbanos das savanas são resultado da introdução e difusão de uma nova forma de construção com tijolos do norte da África islamizado, através de séculos de

<sup>41</sup> MOURA, Carlos Eugenio Marcondes de. **A travessia da Calunga Grande**: três séculos de imagens sobre o negro no Brasil (1637-1899). São Paulo: EDUSP, 2000.

<sup>42</sup> PRUSSIN, Labelle. An Introduction to Indigenous African Architecture. **The Journal of the Society of Architectural Historians**, v. 33, Out. 1974.

<sup>43</sup> O método tradicional de construção em terra crua nas regiões de Savana da África Ocidental é um processo de “argila molhada” denominada “banco”. A capacidade estrutural desta forma deriva da continuidade desta parede circular. Consequentemente, existem poucas aberturas por razões estruturais e climáticas. A laje, terraços de cobertura em terra construídos pelos kassena, talleusi, lobi, gursi, somba e outros povos, servem para reforçar o sistema de paredes. Entretanto, a construção das coberturas planas em terra só é possível em áreas onde há madeiras capazes de suportar a carga de telhados de barro. A outra solução é uma cobertura cônica com vegetação da savana que requer estruturas mais leves. Cf. *Ibid.*, p. 192.

comércio com estas regiões. Não é coincidência que precisamente nestes centros urbanos criados pelo comércio e tráfico que o adobe é a norma construtiva.<sup>44</sup>

O saber das mãos que foram utilizadas como ferramentas para formar e moldar os blocos de construção esféricos, cônicos e cilíndricos teve que se adaptar a uma nova técnica. Isso exigiu novas habilidades e novas ferramentas, que viajando de mão em mão em uma discreta habilidade, foram os componentes de um novo ambiente tecnológico emergente. Esta descrição caberia a uma infinidade de sociedades que estiveram sujeitas ao contato com outras e que de alguma forma foram influenciadas por pessoas contíguas, capazes de transmitir e provocar mudanças nos métodos de construção com terra crua.

Para Oliver,<sup>45</sup> este foi o caso dos povos Ashanti que tiveram suas estruturas em madeira e barro rebocado gradativamente substituídas pelo “swish”, uma técnica de construção introduzida na floresta de Gana no século passado. Em sua passagem por Abeokuta, Burton descreve que presenciou o processo de construção da casa de um mercadante nativo, com a presença de numerosos trabalhadores que se encontravam em uma rígida divisão de trabalho, característica dos africanos e asiáticos, como enfatizado pelo viajante, e assim ele continua:

Alguns cavavam um buraco profundo, - aqui assim como em Benin e em Sokoto, onde estes estão dispersos por toda a cidade, um incômodo constante, - que depois continua a ser preenchido com chuva e drenagem, sujeira, miudezas, e às vezes com o cadáver de uma criança ou de um escravo. Outro grupo de escravos estava trabalhando a argila, e convertendo esta na “swish ou dab” requerida para as paredes; enquanto uma terceira parte estava engajada em preparar a palha e as folhas de palmeira para a cobertura. Quando a construção começar haverá um grupo para carregar as bolas de argila para a cena de ação, o segundo grupo de trabalhadores que arremessa as mesmas bolas na forma de uma parede e amassam estes, os terceiros, meninos e meninas, quem molda outras bolas a partir do chão ou do andaime para os pedreiros acima. A viga para por na vertical e deixar as coisas no esquadro com sua pá de madeira, e finalmente os homens da cobertura para finalizar os trabalhos.<sup>46</sup>

---

<sup>44</sup> PRUSSIN, Labelle. An Introduction to Indigenous African Architecture. **The Journal of the Society of Architectural Historians**, v. 33, Out. 1974.

<sup>45</sup> OLIVER, Paul. **Built to Meet Needs: Cultural Issues in Vernacular Architecture**. Itália: Architectural, 2006.

<sup>46</sup> BURTON, Francis Richard. **A mission to Gelele, King of Dahome**. Londres: Tinsley Brothers, 1864, p. 116-117. V. I. (Tradução nossa)

Burton define a técnica “swish” de forma análoga a que conhecemos contemporaneamente, e que se resume a moldagem de solos lateríticos em bolas que são dispostas em fileiras de aproximadamente meio metro de altura, que devem estar secas antes de se proceder com as camadas subsequentes. Com relação ao acabamento exterior, o viajante coloca que este é feito em “três camadas horizontais, que devem secar por um dia ou dois no sol e no vento antes de receber outra adição; os construtores, entretanto, vão esperar o toque final no mês de dezembro, quando o ar seco do Harmattan endurecera o trabalho deles a consistência de um concreto”.<sup>47</sup> O bom funcionamento das paredes em terra crua exige a presença de acabamentos exteriores para que estes reduzam o contato das mesmas com os elementos que podem causar sua deterioração, ou seja, a função destes é de proteção. Estes se constituem geralmente de três camadas de argamassa de argila e areia que podem conter cal. Devem ser respeitados os períodos de secagem das camadas, afim de que a camada esteja suficientemente endurecida e tenha promovido a fechamento das fissuras geradas por retração.<sup>48</sup>

Em algumas técnicas construtivas, a argamassa de terra exerce o papel de vedação e não de material estruturador, este é o caso do pau a pique. Uma das características da argila como material de construção é que esta trabalha bem à compressão, mas sua resistência à tração é baixa, exigindo soluções capazes de minimizar estes efeitos. Oliver<sup>49</sup> esclarece que o reforço é uma forma nas quais os solos ganham resistência. O solo que poderia ser lavado por uma chuva tropical é usado com madeira em vários tipos de abrigo da África sub-saariana, ramos entrelaçados ou malhas de varas fornecem a estrutura para estas paredes que são rebocadas com argila. Os grandes beirais protegem as paredes das chuvas fortes. Alguns povos misturam à argila o esterco de vaca o que a torna mais resistente.

---

<sup>47</sup> BURTON, Francis Richard. **A mission to Gelele, King of Dahome**. Londres: Tinsley Brothers, 1864, p. 116-117. V. I. (Tradução nossa)

<sup>48</sup> RODRIGUES, Paulina Faria. Revestimentos de paredes em terra. In: JORGE, Filipe; FERNANDES, Maria Alice da Cunha; CORREIA, Mariana. **Arquitetura de terra em Portugal**: earth architecture in Portugal. Associação Centro da Terra. Lisboa: Argumentum, 2005.

<sup>49</sup> OLIVER, Paul. **Built to Meet Needs**: Cultural Issues in Vernacular Architecture. Itália: Architectural, 2006.

Mary Gaunt<sup>50</sup> em sua viagem a Cape Coast, litoral de Gana e território inglês, na primeira década do século XX, apresenta uma foto da cena cotidiana dos povos daquela região, que caminhavam em direção à cidade, mais especificamente ao mercado, para comercializar galinhas e porcos (Moradia em pau a pique, Cape Coast, 1912). Neste cenário, ao fundo, aparecem algumas habitações com coberturas vegetais e paredes em pau a pique, técnica construtiva expressivamente utilizada na região costeira da África Ocidental e que foi vista e retratada também por viajantes que visitaram a costa brasileira.



Moradia em pau a pique, Cape Coast, 1912. Foto de Mary Gaunt intitulada **Galinhãs para o mercado**.<sup>51</sup>

Maria Callcott,<sup>52</sup> escritora britânica e notável pintora, retrata através do desenho intitulado “Fisherman’s Hut” uma habitação de pescadores na Bahia, que supomos serem negros, pela representação das crianças que brincam na frente da casa com uma rede e uma vara de pesca (Cabana de pescadores – Bahia, **Obra anônima atribuída a Maria Callcott**). Moradia de planta retangular, com cobertura vegetal de duas águas, apresenta um número expressivo de aberturas nas duas faces retratadas e é construída de pau a pique sendo esta rebocada e caiada, de acordo com o retrato da parede. Todos estes aspectos apontam similaridades entre as tipologias encontradas no

---

<sup>50</sup> Mary Eliza Bakewell Gaunt nasceu em 1861 na Austrália. Escritora, trabalhou para a imprensa e em 1894 publicou seu primeiro romance *Dave's Sweethea*. Viajou para as Antilhas, África Ocidental, e China como em outras partes do Oriente. Registrou suas experiências em cinco livros de viagens um deles aqui citado e intitulado “*Sozinha na África Ocidental*” (1912).

<sup>51</sup> GAUNT, Mary Eliza B. **Alone in West Africa**. 1912, p. 161

<sup>52</sup> Maria Dundas Graham Callcott nasceu em 1785 na Inglaterra. Escritora britânica também pintora, desenhista e ilustradora. Esteve no Brasil um ano antes da declaração da independência de Portugal.

litoral da África Ocidental e no Brasil, em parte devido tanto as condições ambientais assim como pelos conhecimentos técnicos trazidos pelos africanos e adaptados a este país.



**Cabana de pescadores – Bahia**, Obra anônima atribuída a Maria Callcott.<sup>53</sup>

A descrição de Pohl, a respeito da construção de uma moradia no Brasil colonial, comprova este fato:

[...] usualmente alguns escravos fazem a construção. Vigas recém queimadas são enterradas verticalmente, em três fileiras, de modo que a do meio exceda regularmente as outras duas em altura. As vigas são unidas por traves transversais, sem pregos, mas por meio de cipós e o todo é coberto de telhas. Varas igualmente atadas com cipós e revestidas de barro, formam as paredes principais e laterais, nas quais depois, conforme a necessidade ou o arbítrio, são encaixadas portas e janelas.<sup>54</sup>

## INTER-RELAÇÕES TECNOLÓGICAS ENTRE BRASIL E ÁFRICA OCIDENTAL

As comparações entre as técnicas construtivas identificadas por Richard Francis Burton na África Ocidental e aquelas utilizadas pelos escravos na construção de suas moradias no Brasil, revelam pontos de convergência e divergência. Com relação a estes últimos, colocamos que tanto Burton como Forbes descrevem detalhadamente a técnica denominada “swish” como representativa da cidade de Whydah na África, sendo que do outro lado do Atlântico o emprego deste método construtivo estava ligado a uma

<sup>53</sup> Fonte: **Biblioteca Nacional**. Disponível em: [http://bndigital.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=xs&pr=fbn\\_dig\\_pr&db=fbn\\_dig&use=kw\\_livre&disp=list&sort=off&ss=new&arg=fish+hut&x=0&y=0](http://bndigital.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=xs&pr=fbn_dig_pr&db=fbn_dig&use=kw_livre&disp=list&sort=off&ss=new&arg=fish+hut&x=0&y=0). Acesso em: 10 maio 2011

<sup>54</sup> POHL, Johann Baptist Emanuel. **Viagem no interior do Brasil**. Belo Horizonte: São Paulo: 1976, p. 144.



variante desta técnica, o pau a pique. Há, no entanto algumas convergências, como no caso do adobe e do pau a pique que aparecem representados nas habitações escravas pintadas por Rugendas, Guillobel e Maria Callcott denotando conexões plausíveis já que estas técnicas eram amplamente utilizadas na África Ocidental.

Assim, fica evidente que dentro do universo técnico africano foi priorizado o emprego de determinadas técnicas em detrimento de outras. Como no caso do “swish” que apesar de fazer parte do universo técnico africano não foi empregado pelos africanos e afro-descendentes na construção de suas moradias no Brasil, enquanto que o adobe e o pau a pique o foram. Além disso, como bem representado pelos artistas-viajantes em suas pinturas, a técnica do pau a pique teve um uso superiormente notável em relação ao adobe nas construções das moradias escravas no Brasil.

Supõe-se que o pau a pique, técnica predominante em toda a costa da África Ocidental, fosse aquela que melhor se adaptava as novas condições que haviam sido impostas ao escravo. Fatores ambientais como a disponibilidade de materiais, o tipo de clima, solo e vegetação, ou ainda por outros fatores como o tempo disponível para a construção, devem ter sido ponderados antes da escolha do emprego desta técnica. Juntamos a estas condições, o fato de que o pau a pique era conhecido e empregado pelos portugueses em determinadas regiões de seu país, obviamente que em menor escala que a taipa. Tudo nos leva a conjecturar que o emprego maciço desta técnica nas moradias escravas esteja mais conectado a África Ocidental que a Portugal, assim como o emprego da taipa esta mais ligada a Portugal que a África.

Com efeito, o encontro entre estas culturas promoveu um diálogo entre os povos que estiveram em contato permitindo a conexão entre seus valores e identidades. No entanto, a formação das identidades social e cultural assim como a construção da arquitetura constituem-se em dois processos intimamente relacionados, pois em ambos ocorre uma interação dialética entre a auto-definição e as definições impostas, gerando conquistas e mestiçagens.

Cabe ainda ressaltar que independentemente das técnicas construtivas utilizadas, as moradias escravas do Brasil estão representadas tanto na pintura de Rugendas como nas de Guillobel de forma comparável a tipologia já anteriormente apresentada, e que se resume a uma habitação de planta retangular com cobertura vegetal que contém um número reduzido de aberturas e é relativamente baixa.



**ARTIGO RECEBIDO EM 23/07/2013. PARECER DADO EM 05/07/2013**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)